

## **65 anos do curso de Biblioteconomia da UFMG**

**Cíntia de Azevedo Lourenço**

***Professora de Catalogação e Classificação do departamento de Organização e Tratamento da Informação e Coordenadora do Curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação/UFMG***

**Célia da Consolação Dias**

***Professora de Bibliotecas Digitais e Organização e Tratamento da Informação do departamento de Organização e Tratamento da Informação e Sub-Coordenadora do Curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação/UFMG***

***<http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2625>***

*Neste ano de 2015, o curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG completa 65 anos, com uma trajetória marcada por conquistas para a área. Além de ser o sexto curso do Brasil, foi pioneiro com o IBICT na criação das primeiras pós-graduações da área. Nesse artigo comemorativo, em um contexto histórico da profissão do bibliotecário, desde os primórdios da história da humanidade, contextualizou-se a profissão, os cursos de Biblioteconomia no Brasil e a importância do curso da UFMG na formação dos bibliotecários brasileiros nesses seus 65 anos de existência.*

***Palavras-chaves:*** *Biblioteconomia, Ensino de biblioteconomia, Profissão de bibliotecário.*

## **65 years of UFMG Librarianship course**

*In 2015, the course of Library of the Escola de Ciência da Informação at the Universidade Federal de Minas Gerais celebrates 65 years with a trajectory marked by achievements for the area. The purpose of this article is, given the history of the profession and the teaching of librarianship in Brazil, present as such history, the changes in society and technology have influenced to*

*some extent the profession and the library education in the 65 years of the course of library UFMG.*

**Keywords:** *Librarianship, library science teaching, librarian profession*

Recebido em 17.11.2015 Aceito em 26.11.2015

## 1 Introdução

A profissão de bibliotecário remonta os tempos mais antigos da civilização humana, demonstrando que o homem desde os primórdios se preocupa com a organização, preservação e disseminação do conhecimento.

Pinheiro (2007) apresenta algumas informações acerca da história das bibliotecas e que será apresentado a seguir. A primeira biblioteca que se tem notícia no mundo ocidental, foi a Biblioteca de Nínive, na Mesopotâmia. Ela chegou a possuir 25 mil placas de argila no reinado de Assurbanipal II, no 7º século a. C., tinha mais um caráter de local de guarda e manuseio de material escrito (contas dos templos, registros comerciais, etc.) tendo uma característica mais de arquivo do que de biblioteca.

No mundo árabe foram criadas inúmeras bibliotecas contendo manuscritos gregos, traduções em árabe e livros da ciência árabe, acessíveis tanto a professores como a estudantes. A mais importante foi a de Dar Al-ilm ("casa do conhecimento"), fundada em 1004 pelo califa Al-Hakim, no Cairo. Essa biblioteca tinha mais de 600.000 livros (entre os quais 6.500 tratavam de matemática e astronomia), assim como livros de filosofia e um globo terrestre, de cobre, construído por Ptolomeu.

A biblioteca moderna, onde os livros estão principalmente para o uso do público, só chegou com a difusão da imprensa, no século XVI, e é neste contexto que se começa a constituir algumas grandes bibliotecas universitárias, como a Bodleiana em Oxford, uma das mais antigas da Grã-Bretanha, que foi restaurada e reorganizada em 1598, por Thomas Bodley.

É a partir do século XVIII que surgem as grandes bibliotecas nacionais:

a) em 1712, Filipe V funda a famosa Biblioteca Nacional de Espanha em Madrid, dotada de magníficas coleções de manuscritos e ricas coleções de primeiras impressões;

b) no século XIX, é fundada a Biblioteca do Congresso (EUA): possui 100 milhões de documentos entre livros impressos, manuscritos, gravuras, fotografias e discos, crescendo anualmente à média de dois milhões de documentos o que permite considerá-la a maior biblioteca do mundo.

É nesse momento que novos atores e novos conceitos se revelam. Além do autor e do impressor, o livreiro, o editor e o bibliotecário. É com o surgimento dos primeiros bibliotecários que se formam os primeiros teóricos da área da Biblioteconomia, com a elaboração de estudos sobre organização de catálogos, serviço de referência e atendimento ao leitor e sistemas de classificação do conhecimento para a organização das estantes e bibliografias.

O final do séc. XX e início do séc. XXI traz a preocupação com a educação e com o combate ao analfabetismo, o que leva os Estados nações a apostarem:

- a) na criação de bibliotecas;
- b) na multiplicação das fontes, dos suportes e dos meios de acesso a informação;
- c) no surgimento dos documentos eletrônicos e das bibliotecas digitais
- d) na flexibilização, interdependência, adaptabilidade, cooperação entre bibliotecas;

Em meados do século XIX, o bibliotecário passa a ser um profissional com formação especializada e técnica, com o reconhecimento da Biblioteconomia como uma profissão socialmente indispensável. Nesse período desenvolveram-se dois modelos distintos para o ensino de Biblioteconomia: o francês, com um cunho mais humanístico e o norte-americano, com uma visão mais pragmática e tecnicista.

O século XX é importante para a biblioteconomia brasileira. Já no início do século tem-se a criação do primeiro curso de biblioteconomia no país. A seção seguinte apresenta uma síntese desta história da biblioteconomia tanto em nível de graduação como de pós-graduação.

O objetivo deste trabalho é, em face da história da profissão e do ensino da biblioteconomia no Brasil, apresentar como que tal história, as mudanças da sociedade e da tecnologia influenciaram, em certa medida a profissão e o ensino de biblioteconomia nos 65 anos do curso de biblioteconomia da UFMG.

Este trabalho está organizado da seguinte forma. O primeiro capítulo apresenta uma visão geral da história da profissão e do ensino de biblioteconomia no Brasil; o capítulo 2 descreve sobre os cursos de biblioteconomia no Brasil e o perfil do bibliotecário brasileiro; O capítulo 3 relata a trajetória do curso de biblioteconomia da UFMG. E, por fim são traçadas algumas considerações a título de finalização deste trabalho com a síntese do currículo de biblioteconomia como um reflexo das mudanças vivenciadas pela Escola de Ciência da Informação, pois na verdade já estamos escrevendo novas páginas na história do curso aqui na UFMG.

## 1.1 A profissão e o ensino de biblioteconomia no Brasil

Segundo Sandrinelli (2015), o primeiro curso de biblioteconomia no Brasil teve sua organização iniciada em 1910, na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, fundada com a vinda da família real para o Brasil em 1808, para a formação dos funcionários da biblioteca. Esse é o marco da institucionalização da biblioteconomia como área de formação profissional no Brasil.

A criação desse curso contribuiu para impulsionar o surgimento de outros cursos no Brasil, além de estabelecer um grande avanço no delineamento do profissional bibliotecário no país. Conjuntamente com os novos cursos no país, os bibliotecários iniciam um movimento de organização profissional com a criação das associações de classes, bem como com o desenvolvimento dos movimentos de luta pela regulamentação da profissão no país. Nesse sentido podem ser destacados que em:

- a)1929 – é aprovado um currículo mínimo para os cursos de Biblioteconomia onde se observava uma grande influência do modelo americano, muito preocupado com a técnica.
- b)1938 – fundação da primeira associação profissional: a *Associação Paulista de Bibliotecas* e sua posterior filiação à *Federação Internacional de Documentação* (FID) e à *Association of Special Librarie and Information Bureaux* (ASLIB);
- c)1958 – a biblioteconomia é reconhecida como profissão liberal de nível superior;
- d)1963 - a proposta de currículo mínimo, chegou ao Brasil com a criação do segundo curso de biblioteconomia do país pelo *Instituto Mackenzie*, hoje *Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo* (FESP).
- e)1969 – é criada a *Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara* (FEFIEG), que passaria a se chamar *Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro* (FEFIERJ) e irá abrigar o curso de biblioteconomia da Biblioteca Nacional;
- f)1975 – essa Federação entra em um processo para se tornar uma Universidade e em 1979 passa a se chamar *Universidade do Rio de Janeiro* e mais tarde *Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro* (UNIRIO).

O crescimento do primeiro curso de Biblioteconomia do país faz com que entre as décadas de 1960 e 1980, a profissão de bibliotecário alcance sua regulamentação profissional no Brasil (SANDRINELLI, 2015). Atualmente a profissão de bibliotecário é regulada por um conjunto de

legislação<sup>1</sup> que contempla desde a regulação do exercício da profissão, regimento interno, até a presença de bibliotecários em bibliotecas escolares, entre outros aspectos.

Mas é a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, que os currículos mínimos são extintos, passando a vigorar as Diretrizes Curriculares Nacionais. Essas diretrizes traçaram os aspectos básicos para orientar a organização dos currículos, sem, no entanto, estabelecer obrigatoriedade de algumas disciplinas.

As Diretrizes Curriculares para o curso de biblioteconomia, estabelecidas em 2001, dão ênfase a proficiência, a criatividade, a busca de aprimoramento contínuo e a capacidade de observar padrões éticos de conduta, como características fundamentais para o perfil do bibliotecário (SANDRINELLI, 2015).

## 2 Os cursos de biblioteconomia no Brasil

Segundo o e-MEC, existem atualmente no Brasil 71 cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação entre universidades federais, estaduais e particulares, distribuídos da seguinte forma, como mostra o Quadro 1:

QUADRO 1 – Quantidade de cursos de Biblioteconomia e afins no Brasil

Faculdades/Universidades	Quantidade
Universidades Federais e Estaduais	30
Faculdades Particulares	41
TOTAL	71

Fonte: e-MEC (2015)

A distribuição destes cursos de acordo com as regiões brasileiras é feita de forma irregular existindo uma concentração na região Sudeste, como podemos observar no Quadro 2:

QUADRO 2 - Cursos de Biblioteconomia existentes por região

Regiões	Quantidade de cursos		TOTAL
	Federais/Estaduais	Particulares	
Norte	3	0	3
Nordeste	10	4	14
Centro-Oeste	3	6	9
Sudeste	9	21	30
Sul	5	10	15
TOTAL	30	41	71

Fonte: e-MEC (2015)

Outro dado interessante levantado no sistema e-MEC é que atualmente existem 26 cursos de Biblioteconomia na modalidade EAD e 45 cursos presenciais, sendo em sua quase totalidade cursos de

<sup>1</sup> Acessar o sítio do Conselho Federal de Biblioteconomia para obter mais informações sobre legislação no endereço: <http://www.cfb.org.br/institucional.php?codigo=7>

bacharelado. Apenas a UNIRIO oferece um curso de licenciatura em Biblioteconomia.

Observou-se, também, que os cursos na modalidade EAD estão disponíveis apenas nas instituições particulares de ensino com representatividade em todas as regiões do país com exceção da região norte que não oferece essa modalidade de ensino para o curso de biblioteconomia. Há uma oferta maior na região sudeste de cursos de Biblioteconomia EAD.

Outro dado importante identificado no levantamento feito no e-MEC foi em relação ao ano de criação dos cursos de biblioteconomia no Brasil, conforme mostrado no Quadro 3.

QUADRO 3 – Cronologia da criação dos cursos de Biblioteconomia no Brasil

Instituição	Ano de criação
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	1911
Universidade Federal da Bahia	1942
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	1945
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1947
Universidade Federal de Pernambuco	1950
Universidade Federal de Minas Gerais	1950
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	1960
Universidade Santa Ursula	1960
Universidade de Brasília	1962
Universidade Federal do Pará	1963
Universidade Federal Fluminense	1963
Fundação Escola de Sociologia e Política de SP	1963
Universidade Federal do Ceará	1964
Universidade Federal do Amazonas	1966
Universidade de São Paulo	1967
Centro Universitário de Formiga	1968
Universidade Federal do Maranhão	1969
Universidade Federal da Paraíba	1969
Universidade Estadual de Londrina	1972
Universidade do Estado de Santa Catarina	1973
Universidade Federal do Espírito Santo	1974
Faculdades Integradas Teresa D'Ávila	1975
Universidade Federal de Santa Catarina	1976
Universidade Estadual Paulista – Marília	1977
Fundação Universidade Federal do Rio Grande	1978
Faculdades Integradas Coração de Jesus	1979
Universidade Federal de Goiás	1980
Universidade Federal de São Carlos	1994
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1996
Universidade Federal de Alagoas	1998
Universidade Federal de Mato Grosso	2000
Instituto Superior da FUNLEC	2001
Universidade Estadual do Piauí	2003
Universidade Federal do Rio de Janeiro	2005
Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior	2005
Universidade Federal do Cariri	2006
Faculdade de Ciências da Informação de Caratinga	2006
Fundação Universidade Federal de Rondônia	2009
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel	2009
Faculdade Capixaba da Serra	2009
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	2009
Centro Universitário Assunção	2009
Centro Universitário Cândido Rondon	2010
Universidade Federal de Sergipe	2011
Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto	2011
Universidade de Caxias do Sul <sup>2</sup>	2013
Universidade Salgado de Oliveira <sup>3</sup>	2014
Universidade Comunitária da Região de Chapecó <sup>4</sup>	2015

Fonte: Oliveira, Carvalho e Souza(2009); e-MEC (2015)

<sup>2</sup> A Universidade de Caxias do Sul possui 4 pólos de ensino EAD.

<sup>3</sup> A Universidade Salgado de Oliveira possui 20 pólos de ensino EAD.

<sup>4</sup> A Universidade Comunitária da Região de Chapecó possui 2 pólos de ensino EAD.

Nesse quadro duas informações interessantes podem ser identificadas: a primeira de que o curso de biblioteconomia da UFMG foi o sexto curso a ser criado no Brasil, incluindo a UFMG entre os pioneiros da área.

A segunda informação relevante que pode ser observada é o fato de que a partir de 2013 as instituições particulares iniciaram os 26 novos cursos de biblioteconomia na modalidade EAD. Isso mostra que a área tem sido foco de grande interesse na modalidade EAD principalmente devido à aprovação da Lei 12.244, de 24 de maio de 2010 que regulamenta a existência de bibliotecas em todas as instituições de ensino do país. Essa lei entra em vigor em 2020 obrigando todas as escolas a terem em suas bibliotecas o profissional bibliotecário.

Uma forma de tentar atender a essa demanda é através, principalmente, de cursos oferecidos na modalidade EAD, o que tem colocado o curso de biblioteconomia na mira da rede particular de instituições de ensino superior. Nessa linha, é possível assinalar que a primeira iniciativa nessa modalidade EAD, em uma universidade pública, está sendo desenvolvida pela UFRJ.

## **2.1 Perfil do novo bibliotecário brasileiro**

Ao se resgatar a história da biblioteconomia no mundo e no Brasil, percebeu-se que este ofício nunca foi atribuído a pessoas com pouca instrução e/ou cultura. A profissão de bibliotecário, desde a antiguidade tem sido um ofício delegado às mentes mais curiosas e inquietas.

Observou-se que, naturalmente, as bibliotecas passaram por diversas fases, hora eram de uso público e lugar de estudos e debates entre os estudiosos, hora eram particulares, por representarem status social a quem as possuísse, hora eram acervos fechados e selecionados de forma opressora e controladora para uma formação dos jovens mais de acordo com a cultura de cada época.

Atualmente, o profissional bibliotecário é principalmente um disseminador de informação, não lhe cabendo censurar ou proibir o acesso à informação. Nesse sentido as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de biblioteconomia como citado anteriormente, não mais estabelecem disciplinas mínimas obrigatórias, mais sim o desenvolvimento de competências, o que facilita a adequação dos cursos às novas demandas que serão exigidas dos futuros bibliotecários.

Em seu artigo Oliveira, Carvalho e Souza (2009), apresentam essas competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos cursos brasileiros na formação dos futuros bibliotecários. São elas:

Competências gerais:

- Gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los;

- Formular e executar políticas institucionais;
- Elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos;
- Utilizar racionalmente os recursos disponíveis;
- Desenvolver e utilizar novas tecnologias;
- Traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação;
- Desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres;
- Responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo.

Competências específicas:

- Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente;
- Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação;
- Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza;
- Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação;
- Realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009).

Desta forma, analisando as diretrizes apresentadas pelos autores, é possível entender que atualmente, o perfil do bibliotecário se ampliou, das técnicas de organização e tratamento da informação, da preservação e conservação dos acervos e do incentivo à discussão e reflexão do conhecimento humano, como um ser passivo e tecnicista, para um indivíduo ativo e empreendedor, buscando sempre:

- a) a excelência no atendimento ao usuário;
- b) a qualidade e rapidez na recuperação de informações relevantes e de com valor agregado para uma melhor atuação de seus usuários tanto na pesquisa quanto na execução de suas tarefas profissionais;



c)a gestão dessa informação e do conhecimento por ela gerado para contribuir com o desenvolvimento de seus cidadãos e da sociedade e da economia como um todo;

d)a antecipação das necessidades informacionais da instituições ou da sociedade onde a biblioteca está inserida, contribuindo assim, para a erradicação da ignorância e o crescimento da ciência.

### **3 O curso de Biblioteconomia da UFMG: trajetória**

O curso de biblioteconomia da UFMG é oferecido na habilitação bacharelado desde 25 de março de 1950. Desde a criação do curso em 1950 ocupou diversos espaços até chegar à sede definitiva em um prédio próprio no campus Pampulha, tal como apontado na Figura 1.

A Figura 1 mostra o mapeamento dos locais de funcionamento do curso de biblioteconomia desde a criação, revelando um caminho de quarenta anos até a data de 1990 quando, finalmente o curso conseguiu se instalar em um prédio próprio.

Além da trajetória do curso de biblioteconomia em relação aos locais de funcionamento destacam-se aqui, também os aspectos relevantes em termos curriculares. Cesarino e Vianna (1990) apontaram que, na década de 1950-60 o currículo era marcado por conteúdos focados em biblioteca pública e um misto de disciplinas técnicas e culturais. Observou-se que a partir desse foco houve um crescimento considerável das disciplinas técnicas no final dos anos de 1950.

Tal crescimento pode ser observado pelo aumento tanto de temáticas voltadas para a organização de bibliotecas quanto para o uso das fontes de informação, embora as autoras façam uma crítica à inadequação ou a pouca aderência do currículo à realidade brasileira, com forte característica do uso de modelos e técnicas norte-americanos. Outros aspectos relevantes, já naquela época e também apontados por Cesarino e Vianna (1990) são os relativos ao papel do bibliotecário na sociedade e a dúvida em relação ao objeto de estudo da área. Os anos de 1960 podem ser caracterizados pela forte presença das disciplinas técnicas, mais do que as de referência e menos ainda pelos conteúdos voltados para temas culturais.

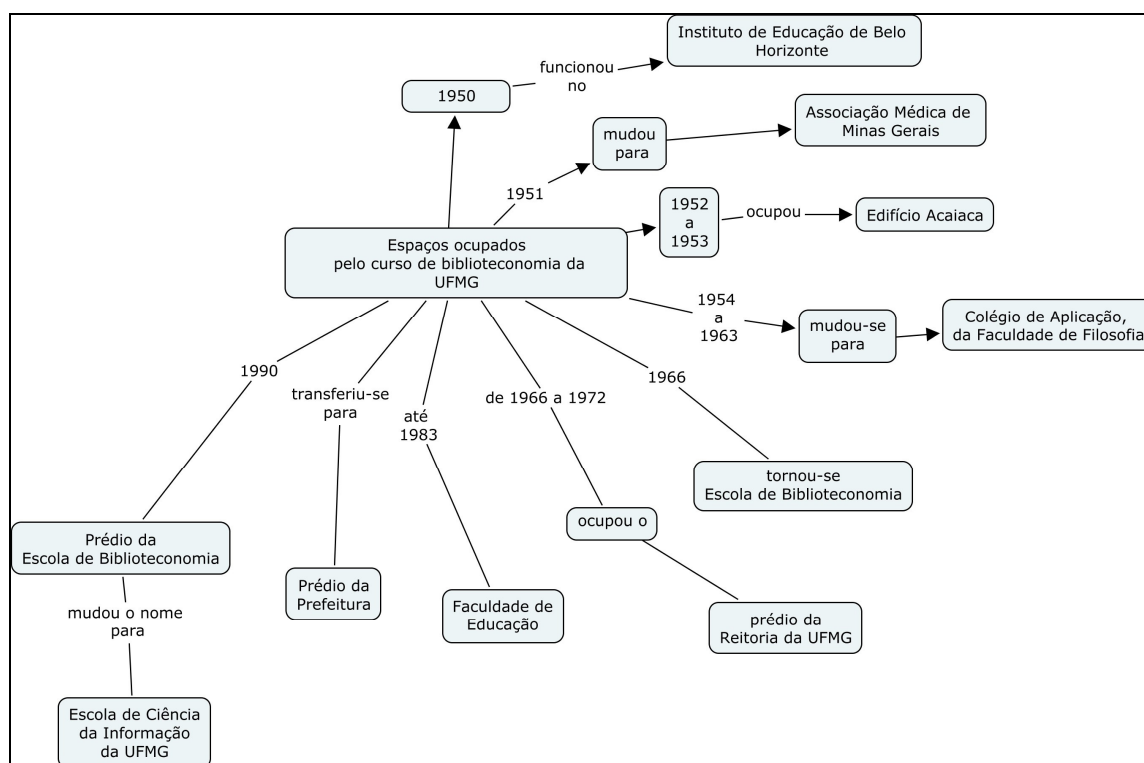


FIGURA 1 – Locais de funcionamento do curso de Biblioteconomia desde sua criação até os dias atuais

Fonte: elaborado pelas autoras

Aspectos relevantes podem ser apontados como marcantes na década de 1970. Foi possível observar a ausência de literatura em língua portuguesa, mas por outro lado podem ser citados alguns pontos positivos e que trouxeram impactos para o curso de graduação. São eles, o surgimento dos cursos de pós-graduação do IBICT e da UFMG, bem como das primeiras revistas científicas da área.

Em primeiro lugar os cursos de pós-graduação foram muito importantes para o crescimento do curso de graduação e a consequente mudança do foco de estudo antes centrado na biblioteca e, depois transferido para o usuário e a informação. Em segundo lugar, a criação das revistas científicas foi importante para o registro das experiências profissionais brasileiras, bem como para o uso destas fontes para otimizar o ensino do curso. Em síntese, o que marcou essa década e que merece destaque em relação ao curso de biblioteconomia foi à ampliação do currículo para a oferta de disciplinas com foco na origem, nos princípios e na fundamentação teórica, bem como os aspectos procedimentais e técnicos das bibliotecas e de seus serviços de informação.

O início dos anos de 1980 revelou uma insatisfação de toda a classe bibliotecária com o currículo. Tal insatisfação gerou um movimento promovido por professores de vários cursos de biblioteconomia do país e pelo IBICT para discutir o curso. Após muitas discussões elaborou-se o documento que serviu de base para o currículo mínimo do Conselho Federal de Educação. A década de 1980 foi marcada pela proposta de um currículo mínimo fixado pelo Conselho Nacional de Educação. Tal proposta

trouxo mudanças não só na duração do curso, com um prazo de integralização de 4 anos, mas, sobretudo nas possibilidades de uma proposta de alterações do perfil do bibliotecário, cujas competências ampliaram-se de uma visão técnica para uma visão crítica da sociedade de atuação.

Embora a recomendação de criação dos Núcleos Docentes Estruturantes<sup>5</sup> nas instituições de Ensino Superior, seja mais recente, observou-se que o curso de biblioteconomia da UFMG já trabalhava com as comissões formadas por professores cujo objetivo, era discutir e refletir acerca das questões envolvidas na reestruturação curricular do curso de biblioteconomia. Observou-se que em 1982 a Escola de Biblioteconomia da UFMG instituiu uma comissão formada por professores para repensar o currículo da época e propor um currículo pleno. Essa comissão contava com a participação, não apenas dos professores do curso, mas também com profissionais da área, com a Associação de Bibliotecários de MG, com representantes do corpo discente, bem como teve a presença de docentes de outros departamentos da UFMG.

O currículo pleno foi implementado na UFMG a partir de 1985 e já em 1988 passou por nova avaliação e ajustes. De acordo com Cesarino; Vianna (1990, p.50) “esses ajustes compreenderam mudanças na carga horária das disciplinas, redução do número de disciplinas optativas, fusão ou desdobramento de disciplinas”. Como características desse currículo que foi implementado em 1990 podem ser destacadas o ciclo básico formado por disciplinas de fundamentação geral como filosofia, economia, política, educação física e uma específica do curso de biblioteconomia.

Da mesma forma observou-se que o currículo possui disciplinas com características instrumentais tais como estatística, inglês instrumental e literatura da língua portuguesa e por último as matérias de formação profissional. Essas últimas divididas em 6 áreas: informação aplicada em biblioteconomia; produção e registro dos conhecimentos; controle bibliográfico dos registros do conhecimento; disseminação da informação; administração de bibliotecas e formação e desenvolvimento de coleções. As disciplinas optativas do curso já tinham sido previstas com o objetivo de oferecer aos alunos o aprofundamento de determinados conteúdos de qualquer uma das áreas estudadas.

Em 2008 o curso de biblioteconomia passou por nova reestruturação realizada pela Comissão Central de Reestruturação formada por nove professores do curso, sob a coordenação da professora Mônica Erichsen Nassif. Tal reestruturação ocorreu em um momento importante na Escola de Ciência da Informação e da própria UFMG, marcado pela expansão do ensino superior no Brasil; a implementação do Projeto REUNI que demandou concomitantemente a construção dos currículos dos novos cursos de graduação da Escola de Ciência da Informação, arquivologia e museologia.

---

<sup>5</sup> Os Núcleos Docentes Estruturantes foram implementados nas instituições de Ensino Superior a partir da publicação de portaria em junho de 2010 pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior.

Nesse mesmo período a Escola de Ciência da Informação pensou em mudar o nome do curso para Biblioteconomia e gestão da informação. De acordo com Cendón, et. al. (2008) tal mudança se justificava devido à necessidade de alinhar o nome do curso com o novo nome da escola que ocorreu em 2000. Entretanto, a mudança do nome não foi aprovada nas instâncias superiores da UFMG, pois a Universidade é refratária a esse tipo de mudança, uma vez que significaria o “fechamento” de um curso para abrir outro, o que causaria uma descontinuidade no histórico do curso dentro da UFMG.

De acordo com Barbosa; Bax, (2010) além da alteração do nome da Escola de Biblioteconomia para Escola de Ciência da Informação observou-se também a mudança do nome dos Departamentos. O Departamento de Biblioteconomia passou a ser chamado de Departamento de Teoria e Gestão da Informação, DTGI e o Departamento de Bibliografia e Documentação teve o nome alterado para Departamento de Organização e Tratamento da Informação, DOTI.

Um aspecto relevante do currículo de 2008 é a criação de um conjunto de disciplinas formadoras de um tronco comum para os cursos de biblioteconomia, arquivologia e museologia que, naquela época estavam em fase de criação. De acordo com Cendón *et al.*, (2008) “O curso se estrutura, primeiramente, a partir de um conjunto de 31 atividades acadêmicas obrigatórias, perfazendo um total de 1650 horas/aula, distribuídas do primeiro ao sexto períodos”.

O curso foi concebido para uma carga horária de 2400 horas/aula com integralização prevista para ser realizada entre oito e quatorze semestres. Outro aspecto que merece ser mencionado é a carga horária de 510 horas/aula com atividades acadêmicas optativas ou formação complementar ou livre<sup>6</sup>.

## Considerações Finais

Em todas as reestruturações vivenciadas pelo curso de biblioteconomia da UFMG observou-se o impacto do surgimento da ciência da informação como disciplina interdisciplinar e a sua preocupação com a recuperação da informação. A biblioteca como instituição social foi impactada pela informação como objeto de estudo, pela tecnologia necessária para organizar e disponibilizar as informações e, sobretudo pelas mudanças do papel da biblioteca não mais como guardião de conhecimento, mas como uma unidade de informação que pode compartilhar metodologias tanto da ciência da informação quanto da própria biblioteconomia para gerenciar os conteúdos informacionais, organizá-los e disponibilizá-los para os usuários. Nesse sentido o curso de biblioteconomia procurou refletir em seu currículo as mudanças e as

---

<sup>6</sup> A formação complementar deve propiciar uma adequação do núcleo de formação específica a outro campo de saber que o complemento e o credencie a obter um certificado. A formação livre compreende o conjunto de atividades livres com a possibilidade de ampliar sua formação em qualquer campo do conhecimento, com base nos interesses individuais do aluno, considerando a obtenção de créditos em quaisquer atividades acadêmicas curriculares da universidade. (Prograd, UFMG)

transformações econômicas sociais, tecnológicas experimentadas pela sociedade.

Observou-se, também que as diversas mudanças ocorridas no currículo do curso, bem como o próprio ensino da biblioteconomia recebeu também a influência da criação do curso de mestrado e de doutorado. O primeiro ocorreu em 1976 com o nome de mestrado em biblioteconomia, com a área de concentração em Administração de bibliotecas. Mais tarde, em 1997 deu-se a implantação do doutorado em Ciência da Informação.

A formação dos alunos de biblioteconomia tem levado em conta a preocupação em oferecer ao mercado de trabalho bibliotecários com competência para lidar com organização, gestão e disponibilização de informação e conhecimento não apenas em bibliotecas públicas, escolares, universitárias ou de empresas, mas, sobretudo atuar em cenários informacionais que demandam a presença de um profissional bibliotecário preocupado em organizar acervos em mídias tradicionais e em contextos digitais, usando as metodologias oriundas tanto da biblioteconomia quanto da ciência da informação, bem como a sua disponibilização para serem recuperados.

Preocupados com tal formação o curso de biblioteconomia da UFMG, através do seu Núcleo Docente Estruturante(NDE), atualmente está em fase de estudo do redesenho do currículo que atenda às demandas da sociedade para lidar com os novos desafios teóricos e práticos da formação do profissional bibliotecário.

## Referências

*A História da Biblioteca e do Bibliotecário no Mundo*. [s.l.] : Valejet, 2014. Disponível em: <<http://valejet.blog.br/a-historia-da-biblioteca-e-do-bibliotecario-no-mundo/>> Acesso em 28 ago. 2015.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues; BAX, Marcelo Peixoto. Da Biblioteconomia à Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.15, n.especial, p. 103-108, nov. 2010.

CENDON, Beatriz *et.al*. *Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG*. Belo Horizonte: ECI, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/PROJETO%20PEDAGOGICO.pdf> . Acesso em: 30 out. 2015

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega; VIANNA, Márcia Milton. O curso de graduação de biblioteconomia da UFMG. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.19, número especial, p.37-67, mar. 1990.

OLIVEIRA, Marlene ; CARVALHO, Gabrielle Francinne ; SOUZA, Gustavo Tanus. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.19, n.3, p. 13-24, set./dez. 2009.

PINHEIRO, Carlos. *História das Bibliotecas*. 2007. Disponível em: <http://valejet.blog.br/a-historia-da-biblioteca-e-do-bibliotecario-no-mundo/> em 28 ago. 2015.

REIS, Alcenir Soares; XAVIER JUNIOR, Gesner Francisco dos. Análise histórica da graduação em biblioteconomia da ECI/UFMG: a interrelação entre o contexto social e as dimensões de subjetividade. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/61/101>. Acesso em: 07 nov. 2015.

SANDRINELLI, Emilia. *100 anos de Biblioteconomia no Brasil* : dos primórdios aos dias atuais, uma trajetória de transformações aos passos das necessidades sociais. Disponível em: <<http://biblioo.info/100-anos-de-biblioteconomia-no-brasil/>> Acesso em: 28 ago. 2015.

VIEIRA, Ronaldo. *Introdução à teoria geral da Biblioteconomia*. Rio de Janeiro : Interciência, 2014. 305p.